

O Discurso Social da Mulher Comunicadora em Pato Branco (PR): O Papel da Reprodução de Sentido e Performance de Gênero na Atuação Profissional¹

Alana Cristina de Grandis OLIVEIRA²

Jozieli Camila CARDENAL³

Centro Universitário Internacional (UNINTER), Pato Branco, PR

Centro Universitário de Pato Branco (UNIDEP), Pato Branco, PR

RESUMO

A história – e evolução – da cidade de Pato Branco (PR) tem relação direta com o estabelecimento de primeiros meios de comunicação, como TV e Jornal, que, desde cedo, transformaram relações sociais na cidade, sendo vitais para o desenvolvimento local. Nesse sentido, é papel do comunicador social entender e analisar este *locus*, através de entrevistas semiestruturadas com mulheres que atuaram nesses meios, de que forma se deu a sua participação e, mais ainda, como a reprodutibilidade de um discurso social hegemônico marcou o começo dessas histórias pioneiras.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento Regional e Local; Gêneros; Dialogismo; Reprodução; Performance.

Introdução

Os estudos comunicacionais em Pato Branco (PR) carecem de uma produção em maior representatividade, especialmente acerca das reflexões voltadas às questões excludentes de gênero, uma vez que sua história tem relação direta com a atuação profissional – ou não – da mulher na comunicação. Assim sendo, a melhor maneira de abordar esta realidade histórica é entender suas especificidades (PEARSE; CONNELL, 2015 p. 51), uma vez que a realidade vivida por aquelas que desbravaram um mercado majoritariamente masculino, entre as décadas de 1950 e 1990, constitui um fato vivo que justifica a problemática proposta, uma vez que estes depoimentos contêm “[...] informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam,

¹ Trabalho apresentado na DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do 22º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de junho de 2023.

² Pós-Graduada em Comunicação, Ciência e Consumo e Gestão de Marketing pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER), egressa do curso de Comunicação Social - Habilitação em Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Pato Branco (UNIDEP), email: alanacoliveira19@gmail.com

³ Orientadora do trabalho, docente do curso de Comunicação Social - Habilitação em Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Pato Branco (UNIDEP), e-mail: jozieli.cardenal@unidep.edu.br

pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes. (SELLTIZ et al., 1967, p. 273 *apud* GIL, 2008, p. 109).”

Valendo-se de estudos voltados à materialidade e performance de gênero (BUTLER, 2018), bem como a construção de sentido social através do dialogismo (BAKHTIN, 1997), a relação da mulher com o mundo do trabalho (FEDERICI, 2019) e o impacto da tecnologia do gênero nessa cadeia de eventos (LAURETIS, 1987), justificase de que forma determinadas construções guiaram a atuação profissional feminina através da breve análise de três trechos de entrevistas realizadas com grandes nomes femininos da comunicação local⁴.

A Reprodução de Representações Sociais de Gênero

Segundo Bakhtin (1997, p. 349) não há somente o discurso indireto livre, mas também todas as formas do discurso do outro, oculto, semi-oculto, difuso. Nesse contexto, explorar a história das mulheres da comunicação pato-branquense é necessário, tanto para fins de contribuição com a produção acadêmica voltada à comunicação social, mas, também para colocar o holofote nos fatos que a história terminou por emudecer, afinal:

Estas são formas externas, visíveis, embora rudimentares, do dialogismo. O crédito concedido à palavra do outro, a acolhida fervorosa dada à palavra sacra (de autoridade), a iniciação, a busca do sentido profundo, a *concordância* [...] um sentido que se sobrepõe a outro sentido, de uma voz que se sobrepõe a outra voz. (BAKHTIN, 1997, p. 350)

Da mesma forma que se pensa – e problematiza – a reprodução de sentidos sociais, é preciso evidenciar o papel fundamental que a reprodução performática do gênero desempenha na presença da mulher pato-branquense enquanto comunicadora, uma vez que a representação do gênero, e assim, de sentido social do que se imagina certo ou errado dentro determinada vivência, guiou a presença da mulher dentro do mercado comunicacional, relegando-a a locais específicos com base unicamente na performance.

Nesse contexto, o gênero, sendo uma figura movente e entendido como um conjunto de ações estilizadas que denotam o ser e o fazer (BUTLER, 2018, p. 08), nos

⁴ O resumo expandido conta com apenas três trechos das cinco mulheres entrevistadas, que compõem, juntas, um estudo completo da atuação feminina no mercado comunicacional de Pato Branco (PR), realizado pela autora em 2020 e fomentado pela Iniciação Científica do UNIDEP.

relatos cedidos pelas entrevistadas é possível entender de que forma as mulheres internalizavam os sentidos das mensagens, muitas vezes escritas por homens, que eram carregadas de pequenos sentidos sociais de inclusão e exclusão. Assim, compreende-se o fenômeno de sobreposição de vozes que constituía o tecido do sentido social o qual Bakhtin se refere no trecho supracitado: desenha-se o contexto que regia o ser mulher em Pato Branco (PR), bem como as problematizações que envolviam o mercado de trabalho e, por fim, como a própria mulher se encontrou reproduzindo essa convenção ao mesmo tempo em que a quebrava por estar atuando profissionalmente.

Enunciados Vivos: A Vivência Profissional como Materialidade Histórica

Para tornar factual e materialidade histórica a problemática proposta, ao analisar a atuação proposta pelas mulheres entrevistadas, utiliza-se do dialogismo e enunciado bakhtiniano para compreender a cadeia de sentido e pensamento que impulsionava as mensagens por elas comunicadas à audiência feminina, uma vez que o discurso “[...] pode ser incluído num encadeamento causal explicativo. Um discurso sem objetos (fundamentado puramente no sentido, na função) permanece um diálogo factual inacabado [...]” (BAKHTIN, 1997, p. 340).

O movimento da mulher pato-branquense que vislumbresse trabalhar com comunicação no período analisado era pequeno e tímido em comparação à grande massa dominante, pois ao compreender a posição da mulher na busca por estar em um local outrora totalmente masculino, entende-se que para esta “[...] é quase impossível aproveitar qualquer liberdade se, desde os primeiros dias da sua vida, você tem sido treinada para ser dócil, subserviente, dependente [...]”, (FEDERICI, 2019, p. 44).

Observa-se, portanto, que o posicionamento feminino além de revolucionário em seus próprios termos, poderia ser entendido como limitador e reproduzidor do discurso hegemônico em outros, uma vez que este entendimento era internalizado por anos de compreensão acerca do sentido social imposto. Tendo esse contexto como base, a Entrevistada 1, acerca de sua atuação, relata que:

Eu comecei em 1980, na Rádio Celinauta, a convite do Frei Nelson. Ele me chamou para fazer umas vinhetas sobre a **saúde da mulher e as plantas que curam**, então a gente tinha algumas inserções dentro da programação da emissora, com algumas dicas de **saúde de beleza, dicas domésticas**. (ENTREVISTADA 1, 2020, *grifo nosso*)

Ainda, em termos de construção de espaços de presença social e profissional, o papel da igreja católica é determinante na atuação da mulher, uma vez que os principais lugares onde as mulheres eram percebidas atuando na cidade eram em projetos que envolviam a igreja, acontecimentos voltados, em sua maioria, para *família e cuidado*, como relata a Entrevistada 2:

Então logo que eu comecei já me colocaram fazer “Coisas de Mulher” era um quadro que tinha no rádio, fazia diariamente uma participaçãozinha falando sobre assuntos de mulher, na Celinauta. Então **pelo fato de a gente ser mulher a gente tem essa tendência a buscar mais pautas voltadas pra mulheres né, mais coisas de família, mais coisas de saúde, mais coisas de beleza [...]**. (ENTREVISTADA 2, 2020, *grifo nosso*)

Nessa conjuntura, a liberdade trazida pela vivência profissional pode ser exaltada com orgulho, mas também questionada, uma vez que “a família é essencialmente a institucionalização do nosso trabalho não assalariado, da nossa dependência não assalariada dos homens [...]” (FEDERICI, 2019, p. 73). Outro exemplo disto é percebido na fala da Entrevistada 5, que exalta a participação do seu marido no jornal e atribui grande parte do sucesso à credibilidade do mesmo:

[...] eu nunca escrevi para o jornal. Quem escrevia era o meu marido, ele tinha uma coluna, depois que se aposentou. No começo ele me ajudou bastante, ele era um cara muito preparado, inteligente, uma cultura muito boa, meu Deus, e ele lia muito, tinha um grande conhecimento, e ele escrevia uma coluna que era a mais lida, a gente vendia assinatura pela leitura da coluna dele [...] porque a credibilidade dele era muito grande, o respeito era muito grande. (ENTREVISTADA 5, 2020)

Ou seja, mesmo com a dependência salarial, como afirma Federici (2019, p. 73), a partir da atuação da mulher que acumula a jornada de trabalho doméstico e assalariado – enfrentando sobre si um conjunto de símbolos e discursos que colocavam sua atuação em segundo plano, à margem do que poderia se tornar –, é possível identificar um estado de evolução, de mudança do tecido social construído, mesmo que dado pelos termos do que era visto e performado como correto.

Em outras palavras, seja no cinema, nos livros, nas fotos ou nos jornais, quaisquer canais podem ser utilizados para reforçar e reproduzir essa performance de gênero através de conteúdos escritos por homens, entende-se que a tecnologia de gênero desempenhou um papel fundamental na determinação do papel e da participação da mulher no mercado comunicacional, pois reforçava “[...] as proibições e regulamentações

dos comportamentos sexuais, ditados por autoridades religiosas, legais ou científicas [...]”, (LAURETIS, 1987, p. 220).

Conclusão

É possível concluir que a interação de enunciados – principalmente as matérias escritas por homens nas famosas colunas sociais – ditaram a forma como a mulher terminou participando dos meios de comunicação pato-branquenses. Compreende-se, ainda, que esta construção de sentido que a colocava em local coadjuvante é oriunda de papéis e performances que materializam a vivência com base no aspecto social do *ser mulher*. Assim sendo, tem-se o balizador, o enunciado, e como resultado a compreensão e reprodução, que reforçam não somente o papel de gênero, mas o materializam.

Nesse sentido, havia uma – se não mais – performance da vida social e cotidiana em Pato Branco, no período analisado, que era desenhada, comunicada e normatizada por um homem, e terminava sendo reproduzida por uma mulher comunicadora quando esta tentava ocupar um espaço que, socialmente e performaticamente, não era seu. Esse fenômeno e as convenções de gênero propõem um breve olhar sobre outro viés das teorias feministas que problematizam a relação da mulher com o mundo do trabalho.

É necessário, cada vez mais, identificar esses aspectos que constituem o contexto de atuação profissional da comunicadora pato-branquense e problematizá-los, a fim de entender, por completo, de que forma se deu o palco que possibilitou a mulher a realmente trabalhar com comunicação.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M.M. **Estética da Criação Verbal**. Trad. PEREIRA, M. São Paulo: 2ª Ed, Martins Fontes, 1997.

BUTLER, J. **Os Atos Performativos e a Construção do Gênero: Um Ensaio Sobre a Fenomenologia e Teoria Feminista**. Trad. DIAS, P. J. Cadernos de Leitura, n. 78, 2018.

CONNEL, R. PEARSE, R. **Gênero: Uma Perspectiva Global**. Trad. MOSCHKOVICH, M. São Paulo: Versos, 2015.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: 6ª Ed, Atlas, 2008.

FEDERICI, S. **O Ponto Zero da Revolução: Trabalho Doméstico, Reprodução e Luta Feminista.** São Paulo: Elefante, 2019.

LAURETIS, T. D. **A Tecnologia do Gênero.** In Technologies of gender. Indiana University Press, 1987.